

CEDI - P. I. B.
DATA 29/08/86
COD. NA/D07

RELATÓRIO 03/CPN/75

PROJETO DE FORMAÇÃO DE UMA NOVA RESERVA PARA OS NAMBIQUARA DO SUL

I. Localização da Reserva

Na presente situação, não se discute a necessidade de reservar terras para os sobreviventes dos Nambiquara do Vale do Guaporé. Há dez anos, estes índios ainda viviam de acordo com os seus padrões tradicionais, plantando roças e caçando na mata virgem, onde raramente aparecia um representante da sociedade nacional. Hoje, reduzidos a uma fração dos seus números outrora, se acham rodeados de enormes fazendas que já derrubaram centenas de milhares de hectares para converter o patrimônio indígena à criação de gado. Nunca foram "pacificados;" foram esmagados por interesses financeiros além da sua capacidade de combater.

É o último momento para resgatar estes índios. Os poucos sobreviventes moram em choupanas miseráveis, com bois bufando à porta e deixando esterco no terreiro. Antagonizam os fazendeiros matando gado, e roubando dos armazens. Ficam cada vez mais raquíticos por causa da desnutrição e doenças. A grande maioria das crianças que nascem morrem na infância.

É óbvia a necessidade de oferecer a estes índios a proteção de terras reservadas. A única questão é onde reservar estas terras.

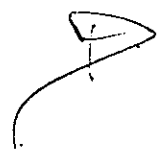
Basicamente, há duas alternativas. Podemos criar uma reserva pequena para cada grupo, ou podemos criar uma reserva grande, para todos os grupos. A primeira vista, a criação de várias reservas pequenas parece mais razoável. Parece que esta alternativa teria a vantagem de evitar a necessidade de retirar os índios das suas aldeias tradicionais. Juridicamente, seria fácil alegar posse imemorial com respeito a aldeias atualmente habitadas, e é possível que algumas grandes fazendas, para servir aos seus próprios interesses, até cedessem uma pequena parte das suas terras ao índio.

Entretanto, a criação de muitas reservas pequenas não é uma solução viável. Em primeiro lugar, não evitaria a necessi-

dade de mudar os índios, pois é impossível criar reservas nos lugares onde a maioria deles atualmente residem. Um grupo de hahçintésú mora na beira da pista de aterrisagem da Fazenda Vale do Guaporé, pois a fazenda construiu a sede em cima da aldeia tradicional. Outro grupo de hahçintésú mora na estrada que é a única comunicação terrestre entre a fazenda e o resto do mundo. Os wasùsú moram na entrada da Fazenda Aguapé; quando abriram a fazenda, continuaram uma entrada que os missionários já tinham feito até a aldeia. Os wâikatésú moravam, antes da mal-sucedida mudança do começo deste ano, à beira de uma entrada que servia várias fazendas. A aldeia âlàntésú dista uma hora a pé da sede da Fazenda Estrela do Guaporé, e a aldeia de Tito, no Alto Sararé, dista somente um ou dois quilômetros da derrubada da Fazenda Sapé Sararé. Não seria possível fazer pequenas reservas nestes locais sem prejudicar fazendas que valem bilhões de cruzeiros.

Examinaremos, então, a possibilidade de fazer várias pequenas reservas, não necessariamente incluindo as aldeias atuais, mas dentro das regiões que elas tradicionalmente utilizam. O Sr. Peter Kingston, do SIL, que convive com os Mamaindê desde 1965, estima que os Nambiquara precisam de uma área determinada por um raio de dez quilômetros em volta da aldeia. Tal área inclui aproximadamente 31.400 hectares. Teríamos que fazer reservas para cinco grupos: os hahçintésú, os âlàntésú, os wâikatésú, os wasùsú, e o grupo do Alto Sararé. Dificilmente acharíamos cinco pedaços de terra deste tamanho entre as derrubadas já feitas, e dificilmente os fazendeiros aceitariam o afastamento destas terras das suas propriedades.

Além do mais, é duvidoso que os próprios índios respeitariam os limites destas reservas. Em quase todos os casos, os limites seriam artificiais, e teriam que ser demarcados a grande custo para a FUNAI. Mas como se explica ao índio que ele pode caçar para cá da picada de medição, e não pode perseguir o macaco que foge para lá? E como se proíbe ao índio que ele visite a sede da fazenda vizinha? O fato é que ainda que forem criadas pequenas reservas, os índios continuariam visitando as fazendas, pedindo esmolas, roubando dos armazens, e matando gado. Continuariam em contato íntimo com os civilizados, pegando doenças às quais não têm resistência.



A caça certamente não respeitaria os limites das reservas, e com milhares de peões caçando, a fauna do Vale do Guaporé desaparecerá em pouco tempo. Mas os índios demorarão para substituir a caça pela pecuária. Para o Nambiquara, animal criado é bicho de estimação. Tem o mesmo horror de comer um animal que ele alimentava com as próprias mãos que os civilizados tem de comer gato ou cachorro. Ele pode aprender a distinção que civilizados fazem entre bicho de estimação e animal doméstico, mas não vai aprender de noite para dia. Os Nambiquara do Campo levaram 50 anos para começar a comer as galinhas que criam. Enfim, a caça nas pequenas reservas acabaria muito antes dos índios ficarem culturalmente prontos para aprenderem a pecuária.

Os Nambiquara já ficam desnutridos, principalmente devido a ancilostomíase, que é endêmico. Com o desaparecimento da caça, esta situação seria agravada. Para evitar a morte de todos, a FUNAI teria que fornecer suplementos alimentícios.

O custo destes suplementos, tanto quanto da administração de cinco reservas, seria astronômico. Dificilmente a FUNAI conseguiria a verba necessária para manter vivos os poucos índios do Vale do Guaporé, quando há milhares de índios precisando de assistência em Amazonas. Em cinco anos, os Nambiquara do Vale do Guaporé estariam todos mortos, e mais uma vez a imprensa mundial se queixaria, já tarde demais, de genocídio.

A alternativa é de criar uma reserva, para todos os grupos, na área entre os rios Galera e Sararé, interditada pelo Decreto 74.515, de 05 de setembro de 1974. Esta é a única área de tamanho equivalente no Vale do Guaporé que ainda tem poucas derrubadas, e que tem a possibilidade de abrigar todos os Nambiquara do Sul. Tem, também, a vantagem de 87% dos limites serem formados por rios com leitos pantanosos, difíceis de transitar. Estes limites serão explicáveis aos índios, e diminuirão a probabilidade de futuras invasões por civilizados.

A área é de grande beleza natural, com cachoeiras cristalinas caindo da Serra de São Vicente à floresta tropical. Contem os tipos de vegetação que são característicos do norte de Mato Grosso, nas seguintes porcentagens:

Mata	51%
Mata de várzea	06%
Cerrado	36%
Campo seco	05%
Campo de várzea	02%

Tem onça, anta, veado, tamanduá, paca, catêto, macaco e toda qualidade de pássaro. Tem tudo que os Nambiquara precisam para conduzir as suas vidas tradicionais enquanto aprendem a adaptar-se à civilização.

Mas, além de motivos indigenistas, é uma área que deve ser preservada por motivos ecológicos e históricos. Os seus 300.000 hectares contêm, em microcosmo, o ambiente natural de mata, cerrado e pantanal que vai sumindo a olhos visto no resto da região. E contém, também, o "mato grosso" que deu nome ao estado, pois os primeiros povoadores, que chegaram na corrida de ouro de 1737, ficaram tão impressionados com a mata dos rios Galera e Sararé, depois de atravessar a árida Chapada dos Parecis, que assim denominaram o lugar. E quando Manoel Rodrigues Torres, Provedor da Fazenda Real de Cuiabá, escreveu ao Rei em 30 de junho de 1738, dizendo que os índios Nambiquara habitavam "Mato Grosso," foi a esta região que quiz se referir.

Dos cinco grupos de Nambiquara do Sul no Vale do Guaporé, três tradicionalmente utilizavam uma parte da área interdita. O canto nordeste pertence ao território dos wasùsú, e eles querem mudar para lá. A parte norte-central pertence ao território dos âlantésú, e eles aceitam mudar para lá. A parte sudeste pertence ao grupo do Alto Sararé, e mais da metade deles já moram dentro da área. Adicionalmente, os wâikatésú já aceitam morar na área, assim que tenha condições. Com algum risco de simplificar demais, podemos afirmar que quatro dos cinco grupos já estão planejando morar nesta área.

Assim, fica claro que a área interdita é o melhor lugar--de fato, o único lugar--para criar uma reserva para os Nambiquara do Vale do Guaporé. Se esta reserva for criada imediatamente, seria possível resolver a maioria dos problemas dos Nambiquara em cinco anos.

II. Formação da Reserva Nambiquara do Sul

Mapa 1 mostra as aldeias atuais dos Nambiquara do Sul, e Mapa 2 mostra os locais na Reserva nova onde pensa-se colocar estas aldeias. Assim, por exemplo, aldeia 5, no Mapa 1, mudaria a local 5, no Mapa 2; aldeia 6 mudaria a local 6, etc. Os locais novos são planejados respeitando os tipos de ambiente ecológico ao qual os grupos estão acostumados, e as relações políticas entre eles. Entretanto, cada grupo visitará a Reserva nova para escolher um local que lhe parece propício, e não se pode garantir que todas as aldeias serão construídas exatamente nestes locais.

A. Infra-estrutura.

A Reserva nova, como quase toda a região nambiquara, é maleitosa. Assim, não podemos mudar os índios e deixá-los à mercê da sorte dentro da área. É necessário elaborar um sistema de transporte e comunicação que permita os índios a procurarem ajuda rapidamente quando houver doença, e que permita o pessoal da FUNAI e os missionários a chegarem nas aldeias para fazer tratamentos.

Já existem 10 pistas de aterrisagem dentro da área, e o avião da Missão Cristã Brasileira, baseado na cidade de Mato Grosso, pode chegar em qualquer uma destas pistas em meia hora. Em 1976, a MCB e o Projeto Nambiquara esperam conseguir rádios transceptores, que serão úteis para chamar o avião, quando necessário. Entretanto, o desenvolvimento da Reserva não pode ser feito totalmente na base de transporte aéreo.

Um sistema adequado de transporte terrestre começa com uma estrada atravessando a área de sul para norte, que pode ligar com as várias aldeias por trilhos pedestres, e eventualmente, por galhos transitáveis por carro. A maneira mais econômica de fazer tal estrada implica no aproveitamento da ponte já existente que atravessa o Rio Sararé onde ele passa entre a Serra de São Vicente e a Serra da Borda. Esta ponte, que fica apenas 48 km de Pontes e Lacerda, onde se pode comprar provisões necessárias, e onde há hospital, pode ser fechada com corrente e cadeado para evitar o ingresso na Reserva de elementos não autorizados. Da ponte, a estrada passará por nove quilômetros de mata, até subir a Serra de São Vicente e sair no campo. Depois, seguirá por 60 km o caminho de carroça feito no século 18, que foi utilizado até a destruição do Arraial de São Vicente, em 1877. A parte mais difícil e mais cara da construção será os primeiros nove quilômetros; depois, é todo campo, e só é necessário passar trator.

Esta estrada será iniciada em abril de 1976, e deve estar pronta até o final das secas, em setembro. Aí, será implantado o Posto Galera, no extremo norte da Serra de São Vicente, perto das primeiras aldeias a serem estabelecidas. Construído num local saudável, encima da serra, disporá de um estoque de medicamentos e uma pequena enfermaria.

Futuramente, se todos os Nambiquara do Sul aceitam entrar nesta Reserva, talvez seja recomendável estabelecer outro Posto, no extremo sul da Serra.

A

B. Mudança dos Nambicuara do Vale do Guaporé

1. Wasùsú. Este grupo (aldeia 5) entrará na Reserva por terra, começando a derrubar para fazer roças em maio de 1976. O local da aldeia nova pertence ao território tradicional do grupo, e já foi escolhido por eles. Tem a vantagem de estar separado do grupo inimigo do Alto Sararé pelo pântano do Rio Mucuraré. Depois de terminar a derrubada, o grupo regressará à aldeia antiga para aproveitar as roças do ano anterior. Voltará em setembro de 1976 para queimar as roças novas e plantar, depois regressando mais uma vez à aldeia tradicional. Em março de 1977, quando a colheita estiver pronta nas roças novas, o grupo mudará definitivamente para a Reserva.

2. Âlântésú. Este grupo (aldeia 6) entrará na Reserva por via aérea, aproveitando uma pista de aterrissagem já feita, e começará a derrubar para fazer roças em maio de 1976. O local escolhido para a aldeia nova pertence ao território tradicional do grupo. Depois de terminar a derrubada, o grupo regressará à aldeia antiga para aproveitar as roças do ano anterior. Voltará em setembro para queimar e plantar, depois regressando mais uma vez à aldeia antiga para esperar a colheita. Mudará definitivamente para a Reserva em março de 1977.

3. Wâikatésú. Este grupo (aldeia 7) foi mudado nos últimos dias de 1974 ao local da ponte sobre o Rio Sararé, devido às péssimas condições de vida na aldeia tradicional. Depois da epidemia de malária em abril de 1975, foi retirado para tratamento na cidade de Mato Grosso. Durante a sua ausência naquela cidade, o morador, Joaquim Santana da Silva, voltou à ponte sobre o Sararé, impossibilitando o regresso dos índios, que permanecem até o presente em Mato Grosso, onde se sustentam na base da troca de artefatos, e com a ajuda da Missão Cristã Brasileira. O grupo não quer voltar à sua aldeia original, e aceita morar na Reserva, uma vez que forneçamos condições adequadas. Pondera-se que um local bom seria na beira do campo, no extremo sul da Serra de São Vicente. Este local é semelhante ao ambiente tradicional do grupo, na beira da Chapada dos Parecis, longe dos Âlântésú, que são inimigos, e perto do grupo do Alto Sararé, com o qual os wâikatésú se lidam razoavelmente bem. Além do mais, o local seria na estrada que entra na Reserva, onde poderíamos prestá-lhes assistência. Se esta estrada fôr iniciada em abril de 1976, como planejada, ela deve su-

bir a serra e entrar no campo até junho, que daria tempo para o grupo ainda escolher um bom lugar para a aldeia e fazer as derrubadas. Uma vez que o grupo não dispõe de roças do ano anterior, será necessário para a FUNAI fornecer comida ao grupo até que as suas roças comecem a produzir.

4. O grupo do Alto Sararé. Este grupo é constituído dos remanescentes de quatro grupos tradicionais, que ainda preferem morar em aldeias diferentes. Mais da metade dos Alto Sararé já moram na Reserva, em aldeias 1 e 2. Aldeia 3 é abandonada, mas ainda utilizada de vez em quando.

O missionário Gerhard Pauck, que trabalha na região desde 1969, mora a leste do rio Sararé, fora da Reserva. Assim, o primeiro passo para incentivar o resto do grupo a entrar na Reserva é para o Sr. Gerhard mudar, estabelecendo a sua residência a oeste do rio. Esta mudança não será fácil, e as opções têm que ser cuidadosamente estudadas. Se ele quer entrar por terra, terá que estender a sua entrada presente até o Rio Sararé, e fazer uma ponte para atravessar. Ou, talvez ele podia entrar pela Fazenda Kanaxuê, estabelecendo-se no local de aldeia-em-projeto 4. Alternativamente, ele podia entrar por via aérea, estabelecendo-se em aldeia 3, que já tem pista.

Qualquer que seja a sua escolha, a sua fixação dentro da Reserva servirá como um foco de atração para os membros do grupo que ainda moram fora da área. Embora o Capitão Tito ter dito recentemente que absolutamente nada lhe convencerá a atravessar o rio, acredita-se que sem a presença missionária na sua aldeia, ele não demorará dois anos para mudar.

5. Hahaintésú. Este grupo (aldeias 8, 9, 10) foi mudado para a área interdita no começo de 1975, mas voltou a sua região tradicional em abril, devido a uma série de transtornos imprevisíveis (veja Relatório 01/CPN/75, de 07/7/75, pág. 7-9). Continuam no péssimo estado de contato íntimo com as fazendas que vizamos eliminar com a mudança mal-sucedida. Será necessário um programa cauteloso e paciente para convencê-los da necessidade de mudar de novo.

Em janeiro de 1976, um casal da Missão Cristã Brasileira se estabelecerá na mais afastada das atuais aldeias dos hahaintésú, perto da entrada de Edmundo José Rodrigues. (Mapa 1, aldeia 8). Construirão uma casa semi-permanente, e começarão a aprender a língua e tratar as doenças dos índios. A medida que vão ganhando a sua confiança, servirão como um foco de atração para os hahaintésú, tendendo a afastá-los das sedes das fazendas vizinhas.

Uma vez que os wasùsú e os âlàntésú se mudam, os hahçintésú serão o único grupo no Vale do Guaporé ao norte do Rio Galera. Inevitavelmente, começarão a sentir este isolamento. Já contrataram casamentos com estes dois grupos, e precisarão deles para contratar casamentos futuros. Mas, a partir de março de 1977, estarão sozinhos.

Também, a fazenda Vale do Guaporé e Edmundo José Rodrigues derrubarão muito mais, e os líderes dos hahçintésú começarão a perceber que a sua permanência continuada na região tradicional não é viável.

Depois de um ano de isolamento nestas circunstâncias, em julho de 1978, levaremos os líderes do grupo para visitar os wasùsú e os âlàntésú, já estabelecidos na Reserva nova. O missionário, que já terá dois anos de convivência com o grupo, se oferecerá para acompanhá-los se quiserem mudar. Mostraremos a parte noroeste da Reserva, que é longe do grupo inimigo do Alto Sararé, perto dos amigos âlàntésú, e que tem um ambiente natural muito semelhante a sua região tradicional.

O grupo começará a derrubar em maio de 1979, e mudará definitivamente em março de 1980.

C. A Mudança dos Nambiquara do Campo

Enquanto que a Reserva nova é necessário imediatamente para abrigar os Nambiquara do Vale do Guaporé, o seu tamanho é adequado para os Nambiquara do Campo também entrar, se quiserem. Isto seria recomendável por duas razões. Primeiro, com a sua mudança seria possível liberar uma grande parte da presente Reserva Nambiquara (Dec. Nº 73.221, de 28/11/73), e segundo, reservas relativamente pequenas e bem povoadas fornecerão uma tentação menor à invasão por fazendeiros no futuro. Os Nambiquara do Vale do Guaporé e os Nambiquara do Campo falam a mesma língua, e embora o seu grau de aculturação difira muito no presente, no futuro o povo dos dois distritos pode formar uma comunidade integrada.

Os Nambiquara do Norte, por outro lado, falam uma língua diferente, e será necessário reter uma parte da Reserva velha para eles. O canto noroeste da Reserva, junto com o Posto Nambiquara, poderia ser a Reserva Nambiquara do Norte. O Projeto Nambiquara está colocando todos os Nambiquara do Norte que querem mudar para a Reserva justamente nesta região.

7

Dentre os Nambiquara do Campo, temos que tratar com as aldeias de Camararé, Serra Azul, Aldeia Branca, Juina, e Tirecatinga.

1. Camararé. Esta aldeia (14) ficou pronta para mudar à área interditada no começo de 1975, mas infelizmente a Reserva não foi criada a tempo. Uma vez que a pouca mata perto da aldeia tradicional estava esgotada, o grupo tinha que fazer uma decisão rápida, e escolheu o local de Campos Novos. Já derrubaram, queimaram e plantaram, e mudarão para lá em março de 1976.

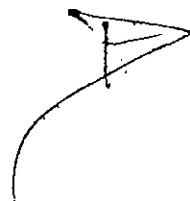
Já que Campos Novos está dentro da proposta Reserva Nambiquara do Norte, o grupo não apresenta mais problemas para a eventual liberação da parte sul da Reserva velha. Entretanto, é possível que eles queiram mudar à Reserva Nambiquara do Sul, especialmente se Serra Azul, Aldeia Branca e Juina mudam para lá.

2. Serra Azul (11), Aldeia Branca (12), e Juina (13). Com a mudança deste complexo de aldeias, seria possível liberar a parte sul da Reserva velha. Elas terão a opção de mudar para a Reserva Nambiquara do Sul, ou a Reserva Nambiquara do Norte. Seria interessante incentivá-los a fazer a primeira escolha, uma vez que a Reserva Nambiquara do Sul tem muito mais terra boa, e ali eles ficariam com faladores da mesma língua.

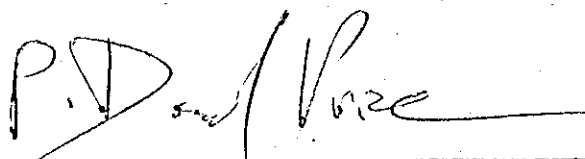
3. Tirecatinga. Esta aldeia (15) está situada a 29 km da Missão de Utiariti, fora do território tradicional dos Nambiquara. O grupo mudou para lá para melhor procurar a assistência dos padres da Missão Anchieta. Esta assistência é muito boa, e até o presente, não há fazendas na região. Entretanto, é possível que a aldeia decida, futuramente, a mudar para a Reserva Nambiquara do Sul, especialmente se os outros Nambiquara do Campo, com quem tem ligações sociais, mudarem para lá.

III. Cronograma

- 1975 : Criação da Reserva Nambiquara do Sul
- 1976 janeiro: Missionários da MCB se estabelecem na aldeia mais afastada dos hahgintésú
- abril: Inicia-se construção da estrada na Reserva
- maio: Os wasùsú e os âlantésú começam a derrubar
- junho: Os wâikatésú mudam para a Reserva; começam a derrubada



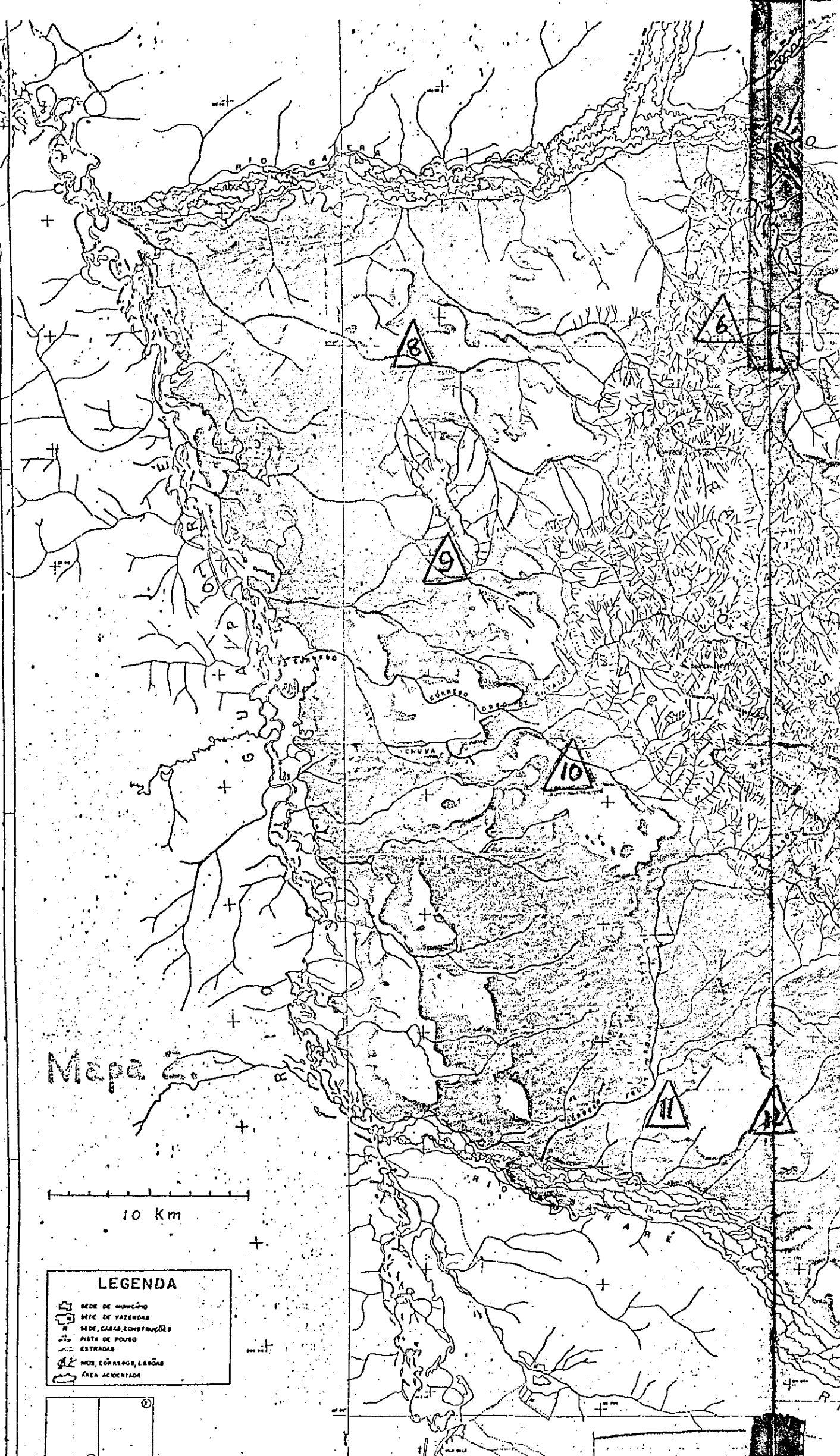
- O missionário Gerhard Pauck começa a mudar para a Reserva
- setembro: Os wasùsú e os êlàntésú queimam e plantam
O Posto Galera é implantado
- 1977 março: Os wasùsú e os êlàntésú mudam para a Reserva
- 1978 maio: Capitão Tito começa a derrubar na Reserva
- julho: Os líderes hahaintésú visitam a Reserva, escolham lugares para aldeias
- setembro: Capitão Tito queima e planta
- 1979 março: Mudança do Capitão Tito para a Reserva
- maio: Os hahaintésú começam a derrubada
- setembro: Os hahaintésú queimam e plantam
- 1980 março: Os hahaintésú mudam para a Reserva
- julho: Serra Azul, Aldeia Branca e Juina decidem se querem mudar à Reserva Sul ou Norte
- 1981 : Serra Azul, Aldeia Branca e Juina fazem roças
- 1982 : Serra Azul, Aldeia Branca e Juina mudam
- 1983 : Reserva Nambiquara do Norte e Reserva Salumá criadas; o resto da Reserva Nambiquara é liberada



P. David Price

Coordenador do Projeto Nambiquara

22 de outubro de 1975








Mapa


10 Km


LEGENDA	
	SEDE DE MUNICÍPIO
	SEDE DE FAZENDAS
	SEDE, CASAS, CONSTRUÇÕES
	PISTA DE POUSO
	ESTRADAS
	NOS, CÓRREGOS, LAGOAS
	ÁREA ACIDENTADA

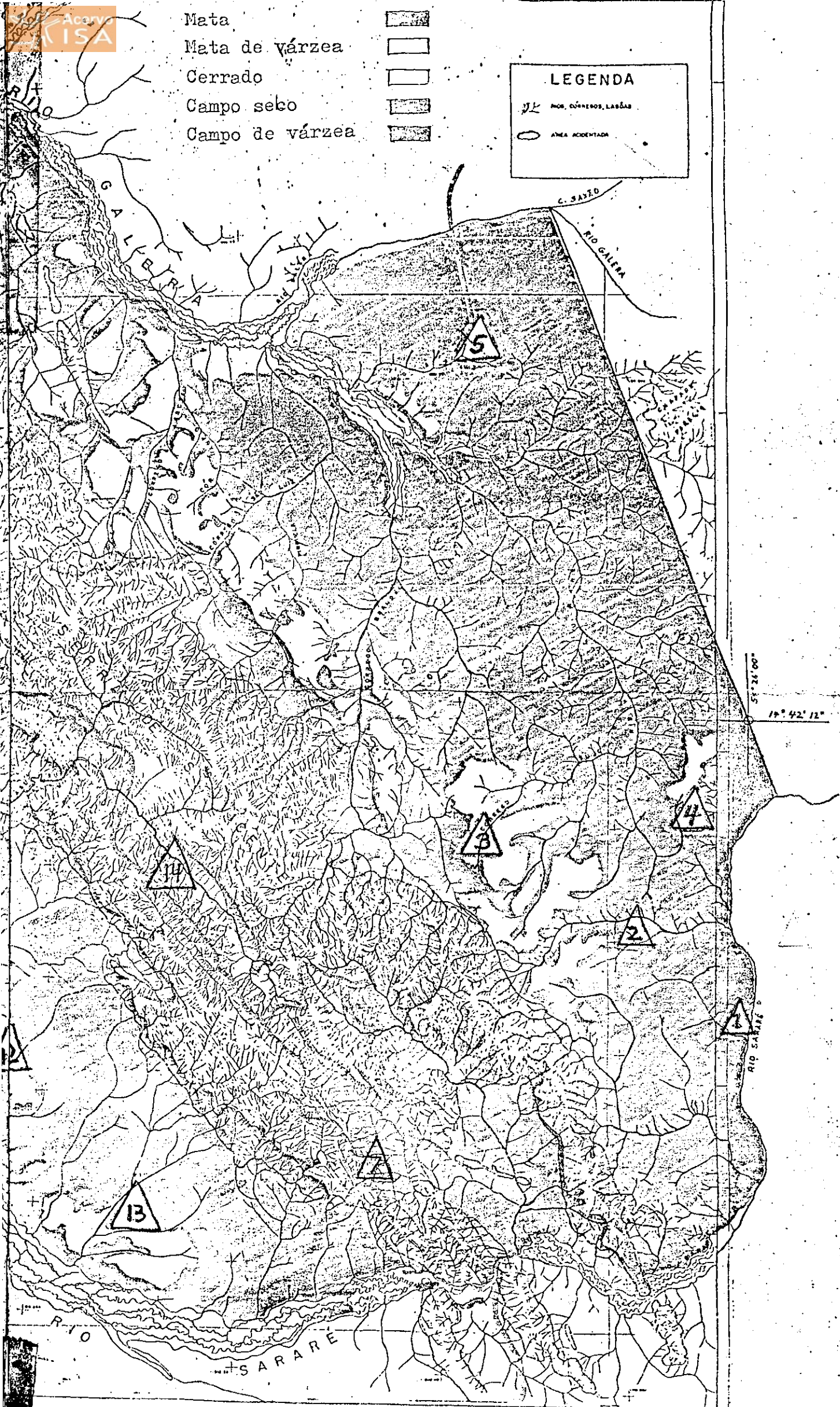


- Mata 
- Mata de várzea 
- Cerrado 
- Campo seco 
- Campo de várzea 

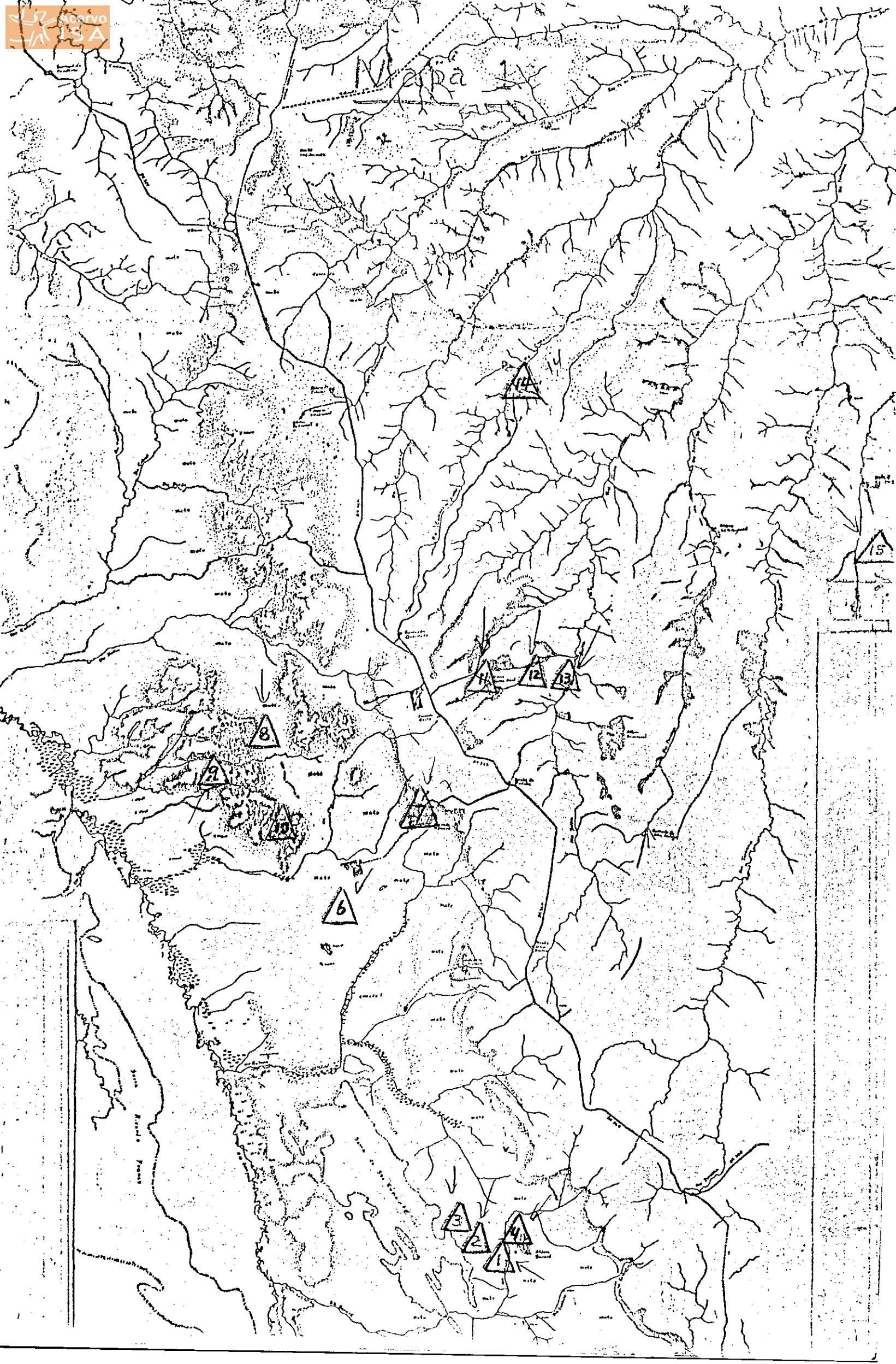
LEGENDA

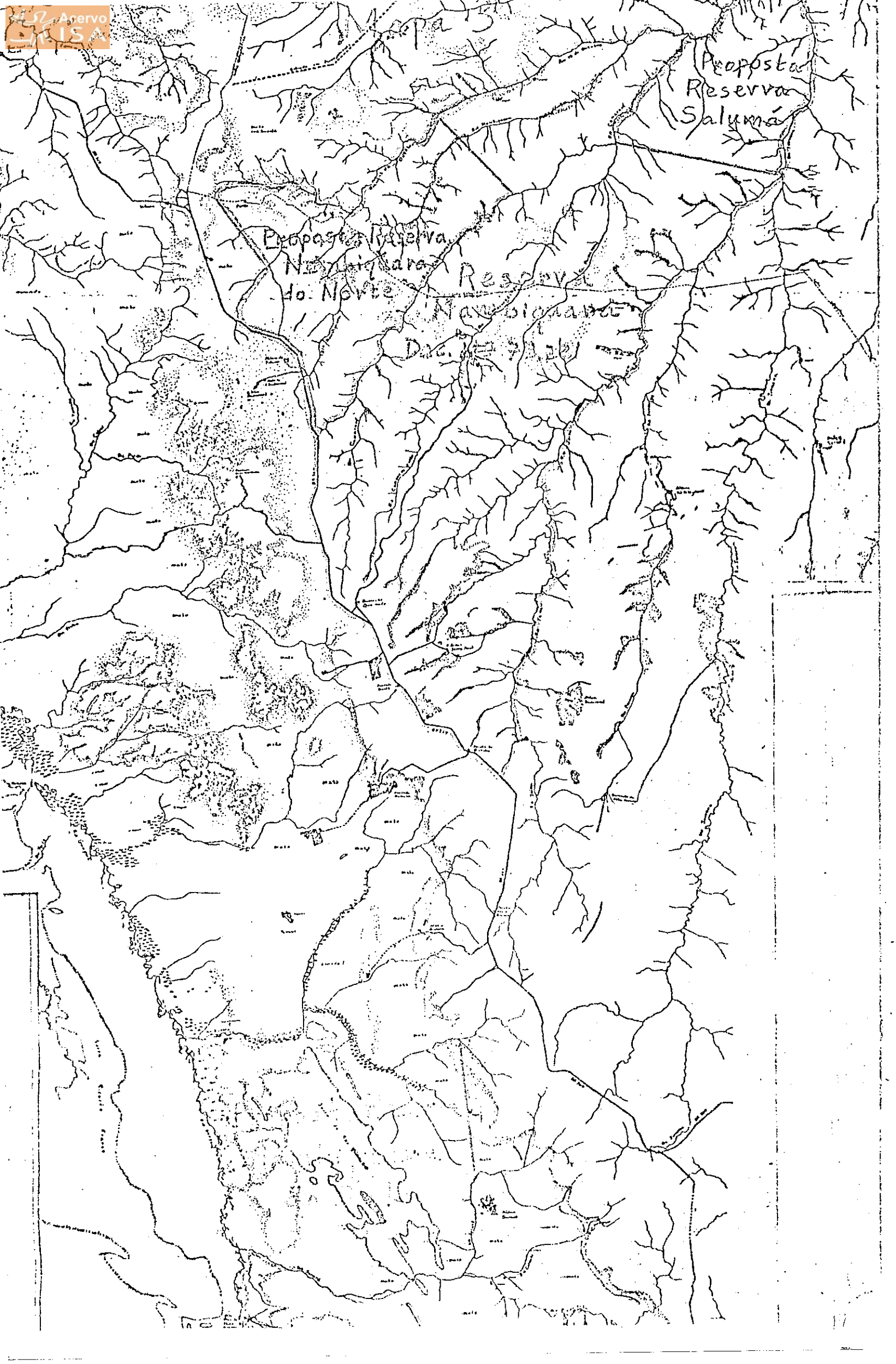
 MOR. CÚMREOS, LABÓAS

 ÁREA ACIDENTADA



5° 26' 00"
15° 42' 12"





Proposta
Reserva
Salumá

Proposta Reserva
do Norte

Proposta Reserva
do Sul